



A construção identitária de quatro protagonistas femininas em narrativas bíblicas: Ester, Débora, Maria Madalena e Dorcas

The identity construction of four female protagonists in biblical narratives: Esther, Deborah, Mary Magdalene and Dorcas

Diná Mendes de Souza Oliveira

Formada em Letras pela UERN, especialista em Linguística Aplicada- UERN, Mestrado Profissional em Letras- UERN e aluna do doutorado em Letras – PPGL – UERN.

Profa. Dra. Maria Edileuza da Costa

Professora adjunto do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Resumo:

O estudo das narrativas bíblicas em que, as mulheres em destaques nessas histórias bíblico-literárias foram protagonistas de proezas para seu tempo e seu contexto social e religioso nos permite conhecer a construção das personagens femininas dentro dessas narrativas bíblicas, observando os diferentes perfis femininos que delas emergem e como a identidade dessas protagonistas são moldadas dentro dos diferentes contextos, das situações em que elas são levadas a tomar decisões, agir ou fazer escolhas que definiram seus destinos. Tais narrativas, em que as mulheres são protagonistas, são histórias repletas de detalhes da ação feminina que evidenciam o processo de construção de identidade dessas personagens em contato com situações que abrangem conflitos, dramas humanos, atitudes e ou ações que são importantes na definição dos papéis sociais das mulheres bíblicas – corpus deste trabalho. Nos voltamos para a bíblia da mulher, na perspectiva de ler e analisar as narrativas em que quatro mulheres são protagonistas em diferentes épocas. Desde o antigo testamento com a construção narrativa da personagem Eva, até Dorcas, uma das últimas protagonistas citadas no novo testamento. Analisamos a configuração identitária nelas estampadas. São mulheres que se destacaram por protagonizarem o ser “mulher” numa época de dominação machista. Elas marcaram sua geração ao se constituírem sujeitos de suas histórias. Sua participação na história cristã primitiva é significativa, e, portanto, suas histórias devem ser redesenhadas, dando a elas a visibilidade devida.

Palavras-chave: Identidade. Feminino. Protagonismos. Narrativas bíblicas.

Abstract:

The study of biblical narratives in which the women featured in these biblical and literary stories, were feats of players for their time and their social and religious context, allows us to know the construction of the female characters in these biblical narratives, noting the different female profiles to them emerge and how the identity of the protagonists are shaped within different contexts, situations in which they are taken to make decisions, take action or make choices that defined their destinations. Such narratives, in which women are protagonists, are stories full of female action details that show the process of building identity of characters in contact situations covering conflicts, human tragedies, attitudes, or actions that are important in defining the roles social of biblical women - corpus of this work. We

turn to the Woman's Bible in perspective to read and analyze the narratives in which four women are protagonists at different times. From the Old Testament to the narrative construction of the character Eva until Dorca, one of the last protagonists cited in the New Testament. We have analyzed the identity setting them stamped. They are women who stood out for starring being "woman" in a time of sexist domination. They marked their generation by constitute subjects of their stories. Her participation in early Christian history is significant, and therefore, their stories should be redesigned, giving them the necessary visibility.

Keywords: Identity. Female. Protagonists. Biblical narratives.

Introdução

Desde algum tempo, as narrativas bíblicas são alvo de estudos que as constituem como textos literários¹. Neste sentido, são observadas as abordagens literárias, os elementos constitutivos da literalidade nas narrativas. Nos inserimos nesse contexto, buscando levar o leitor a se envolver no processo de leitura e interpretação da bíblia da mulher como uma obra literária, visto que tais histórias possuem os elementos constituintes de uma narrativa. Nosso olhar se volta para as estratégias utilizadas pelo narrador para construir as personagens, convocando a contínua participação do leitor para tirar conclusões e preencher espaços em branco. Assim, dentro desses textos vão se constituindo a identidade, o perfil dessas mulheres que, tornam-se notáveis, mesmo quando o contexto histórico, político e social não lhe são favoráveis. À luz de alguns autores como Bauman (2005) podemos perceber como esse processo de construção da identidade e do perfil da mulher se constituem nas narrativas bíblicas e de que forma a posição dessas mulheres enquanto “protagonistas” mobilizam a construção do feminino nos textos bíblicos. Levando em consideração o contexto histórico, a construção das personagens, os fatores de construção da identidade como: genealogia da personagem, nacionalidade, gênero - condição de mulher, esposa, mãe, sua narrativa pessoal e a linguagem. Baseamo-nos ainda em Bakhtin (2003), buscando compreender o texto literário como um processo de interação verbal e como tal não se desarraiga dos conteúdos e dos valores ideológicos que constituem o próprio ato de uso da linguagem. Desse modo, o próprio discurso revela sua forma de produzir sentido. Cabe abordar de Bakhtin sobre os estudos da enunciação, da interação verbal e das relações entre linguagem, sociedade e história, bem como entre linguagem e ideologia. Assim, nas narrativas bíblicas, o enredo aponta para o desenrolar da história, a partir do entrelaçamento dos elementos constitutivos como personagens, cenários, contextos, tempo, espaço e narrador, todos importantes para que a produção de sentido se efetive a partir da interação.

Desse modo, propomos que a leitura dessas narrativas seja feita como um processo de comunicação que se inicia na parceria entre leitor, texto, autor, participando ambos de um diálogo que, à medida que se intensifica trará o envolvimento, e a curiosidade leitora em conhecer as histórias

¹ No Brasil muitos trabalhos já buscaram evidenciar a Bíblia como narrativa literária como FERREIRA, João Cesário Leonel Ferreira. Estudos literários aplicados à Bíblia: dificuldades e contribuições para a construção de uma relação. Theós, Bíblia como Literatura - Lendo as narrativas bíblicas; Fernandes, Leni Soares Vieira – Imagens femininas no Evangelho de Mateus: a construção de personagens femininas- 2014. Entretanto, nenhum dão conta de analisar este percurso nos dois testamentos da bíblia da mulher, buscando as protagonistas femininas e a construção identitária de cada uma delas.

e suas personagens como fazemos ao ler qualquer outro texto. Nossa proposta é compatível com o que propõe Ferreira no artigo: A Bíblia como Literatura - Lendo as narrativas bíblicas:

Leiamos a Bíblia sincronicamente, procurando entender como suas narrativas se constroem a partir dos elementos apresentados, conscientes de que suas histórias trazem consigo um forte teor retórico, buscando convencer os leitores de seus valores. Somente depois procuremos comentários, dicionários, etc., para elucidar questões históricas, filológicas e sociológicas. Agindo assim, recuperaremos o frescor da leitura bíblica. E olhando para aqueles que trabalham em comunidades religiosas, poderá haver um enorme ganho ao ensinar o povo a ler a Bíblia sem que seja necessário o conhecimento de ferramentas exegéticas e outras técnicas. Eles poderão ser ensinados a identificar a organização das histórias que tanto amam e descobrirão profundidade e alento para a caminhada de fé em que estão envolvidos.²

Dessa forma, estabelecemos nossa proposta de leitura que nem é crítica religiosa, nem muito menos uma abordagem fundamentalista da Bíblia. O foco deste trabalho serão as protagonistas femininas nas narrativas da Bíblia da mulher e a sua construção identitária dentro dessas histórias.

Escolhemos algumas mulheres que se destacaram por exercerem papéis importantes, cargos de destaques, alguns essencialmente assumidos apenas por homens. Mulheres que foram protagonistas em dois períodos bastante distintos: Velho e Novo Testamento. Nestes períodos, as noções ideológicas que definiam comportamentos, a ética e a própria noção de protagonismo são diferentes. Diríamos que bastante antagônicos, pois, enquanto o velho Testamento traz um forte apelo à guerra, a resistência por meio da força, das conquistas de territórios, mesmo que isto implique em atitudes violentas e opressoras, o novo Testamento traz uma nova forma de resistência, marcos fundamentais da presença do Cristo entre os homens, ensinando uma nova forma de conviver com as diferenças, com a tolerância e o amor fraternal sem medida.

É dentro dessas categorias que se justifica nossa atenção à Débora, juíza de Israel, e Ester uma rainha bem distinta de outras de sua época como representação do protagonismo feminino no velho Testamento. Do Novo Testamento, escolhemos Maria Madalena e Dorcas. Tentamos analisar as histórias em que essas mulheres estão inseridas, numa perspectiva comparativa sobre a constituição da identidade destas mulheres bíblicas, a formação do perfil identitário das mulheres antes e depois de Cristo. Isso sem levar em consideração o quanto que, na atualidade, muitas mulheres cristãs são influenciadas pela maneira que o cristianismo constrói a identidade feminina, muitas vezes fazendo leituras equivocadas sobre o papel da mulher, sem levar em consideração as novas demandas e as implicações que constituem o contexto da mulher contemporânea.

As narrativas bíblicas chamam a atenção pela literalidade e, ao mesmo tempo pela objetividade com as quais são escritas e, as que tomam as mulheres como protagonistas são ainda mais interessantes porque são um dos meios pelo qual a identidade, os lugares da mulher são definidos na sociedade, em seus contextos históricos, culturais e sociais. Sendo leitora assídua dessas narrativas, observamos que essa construção identitária da mulher protagonista, se evidencia no processo de construção do texto e torna-se pautaável ao leitor através do diálogo que se trava entre ele, o texto e o

² FERREIRA, 2008. p. 20.

narrador, permitindo a construção de sentidos veiculados as relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados. Assim, à medida que lemos as histórias e conhecemos as protagonistas femininas podemos inferir sobre estas algumas características pelo modo de ser e as intenções destas personagens, que podem ser feitas de maneira categórica, mas principalmente motivadas pelo contexto.

Nosso estudo se justifica por ser um tema vigente nas discussões atuais, o papel da mulher na sociedade, suas características, sua identidade numa sociedade ainda machista, na qual as mulheres buscam se estabelecer, a fim de garantir sua inclusão, permanência e porque não dizer, sua sobrevivência frente aos desafios diariamente impostos a ela. Ainda se ouve falar de extremos casos de violência contra a mulher, mesmo em casos de agressões ou violência simbólica³ que perduram desde as heroínas bíblicas até ao contexto atual. Porém, bem mais do que essa pertinência social do tema, justifica-se ainda por nos permitir estudar o processo de formação identitária de sujeitos constituídos historicamente, dentro de um universo tão amplo como é o bíblico e que muitas vezes é analisado apenas pelo âmbito religioso. Bauman evidencia a constituição da identidade fora do sujeito, ou seja, a identidade não se constitui em si, mas nas lutas, nos embates a qual o ser é exposto, o que permite que se vá além do que está estabelecido, pois o ser social busca atender suas necessidades imediatas. Buscamos, então, compreender como, ao longo da história, a identidade feminina vem sendo constituída e como essa construção interfere ou se relaciona com a identidade da mulher inserida nessa modernidade líquida. Esse processo em que o capitalismo forçou o mundo a se redefinir desde as noções de felicidade, os propósitos para a vida, até uma busca acirrada pelo pertencimento, o se “incluir” enquanto sujeito que busca sua identidade. Essa redefinição é constante, uma vez que não herdamos a identidade, mas a alcançamos em contextos nos quais nos inserimos.

Nosso olhar se volta para essas narrativas, buscando o perfil de mulher que delas emergem, olhando também para os recursos literários constitutivos, os elementos estratégicos do narrador para a criação das personagens e a construção identitária dessas mulheres e de suas vozes.

A bíblia é o termo que o cristianismo utiliza para nomear o conjunto de livros sagrados e nesses, tem-se tanto as escrituras canônicas do judaísmo como a literatura específica do cristianismo. No grego, bíblia, quer dizer justamente livros e por essa razão, os diferentes livros passaram ao longo dos tempos a constituir o livro chamado bíblia. Entretanto, vistos em suas particularidades são literários e possuem características específicas que os diferenciam, mas se unem enquanto um conjunto de obras literárias.

É possível pensar os textos bíblicos, as narrativas essencialmente no campo dos estudos teórico-literários e fazer usos desses elementos literários para compreender que não se trata apenas de uma literatura restrita ao cristianismo, mas que ela se relaciona com demais textos clássicos, outras

³ Conceito de violência simbólica como Forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja esta econômica, social ou simbólica foi apresentado em: O CORPO COMO CAPITAL: PARA COMPREENDER A CULTURA BRASILEIRA (PDF) Arquivos em Movimento 9 pp.

narrativas da literatura greco-romana, chegando a ter uma ralação de proximidade de temas, feitos e características dos personagens.

Tomando as narrativas bíblicas em que as mulheres são protagonistas podemos observar que dentro da questão estética, a realidade foi apresentada a partir de uma visão particular do narrador e nesse caso, ao explorar a subjetividade, expor os sentimentos, as emoções, as experiências e traumas vivenciados pelas personagens, há uma recriação desta realidade. Isto não tira a autenticidade das histórias Bíblicas, pois ela se insere em uma visão ficcional, por se constituir uma recriação da realidade, não por ser uma história inventada apenas, mas uma história construída ou reconstruída por um autor que usa a verdade com a sua linguagem, sua estilística e estética.

A partir da contribuição da linguística textual, a Análise do Discurso, mais especificamente o dialogismo e a polifonia, nossa investigação se firma nas ideias de Bakhtin, da sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, em que ele discorre algumas teorias como a natureza ideológica do signo linguístico, o dinamismo próprio de suas significações; a alteridade que lhe é constitutiva; o signo como arena da luta de classes; os fenômenos de enunciação. Segundo o autor, o texto pode ser considerado tanto objeto de significação quanto objeto de comunicação, isto é, objeto de uma cultura, cujo sentido depende do contexto histórico-social. Dessa forma, ele dá ao texto o lugar de objeto discursivo, social e histórico. Bakhtin diz que:

Se a fala é o motor das transformações linguísticas ela não concerne os indivíduos; com efeito, a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios, os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implicam conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar o seu poder.⁴

Bakhtin não desassocia o signo, a palavra da ideologia, e afirma que ela é imbuída de todos os conflitos sociais. Para ele, todo signo é ideológico e a ideologia é um reflexo das estruturas sociais, assim como a entonação expressiva, a modalidade apreciativa sem a qual não haveria enunciação, o conteúdo ideológico, o relacionamento com uma situação social determinada afetam a significação. Só a dialética pode resolver a contradição aparente entre a unicidade e a pluralidade da significação. O signo é, por natureza, vivo, móvel, plurivalente, entretanto a classe dominante insiste em querer torná-lo monovalente. Toda enunciação, fazendo parte de um processo de comunicação ininterrupto, é um elemento do diálogo, no sentido amplo do termo, englobando as produções escritas. A enunciação como réplica do diálogo social é a unidade de base da língua, seja discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela não existe fora de um contexto social, uma vez que cada locutor tem um horizonte social.

Bakhtin toma a enunciação como realidade da língua e como estrutura sócio ideológica e nesse contexto, o signo e a situação social estão indissolivelmente ligados, por ser o signo ideológico. Bakhtin afirma que “se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, o pensamento, a

⁴ BAKHTIN, 2003, p. 14.

atividade mental, condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia”. Ele também faz uma distinção essencial entre a atividade mental do eu, não modelada ideologicamente, e a atividade mental do nós, forma superior que implica a consciência de classe. “O pensamento não existe fora de sua expressão potencial, fora da orientação social desta expressão e do próprio pensamento e a língua é a expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material”.⁵

Nos textos bíblicos selecionado em que as mulheres são protagonistas, os discursos que deles emanam, das escolhas linguísticas dos narradores poderemos perceber o contexto da época, a orientação social que nelas se manifesta, assim como Bakhtin o fez com citações extraídas de Dostoiévski, investigamos quais implicações, interferências do contexto sociocultural, histórico e religioso puderam acarretar no discurso presentes nesses textos.

Por essa razão, não podemos ignorar a história no contexto da organização social de cada grupo ao analisar o todo de um texto, o seu discurso dialógico. Para Bakhtin, o dialogismo decorre da interação verbal estabelecida entre o enunciado e o enunciatário no texto. O sujeito deixa de ser o centro para ser substituído por diferentes vozes sociais que fazem dele um sujeito histórico e ideológico. Logo, não existe identidade discursiva sem a presença do outro, por isso, nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz.

Aspecto também importante do dialogismo é o do diálogo entre os muitos textos da cultura que se instala no interior de cada texto e o define por meio de uma intertextualidade interna de vozes que falam e se polemizam no texto, reproduzindo nele diálogo com outros textos. Assim, a essas vozes que dialogam e polemizam olhando de posições sociais e ideológicas diferentes, e se constroem no cruzamento dos pontos de vista, dá-se o nome de polifonia.

O discurso então, é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos e a linguagem como discurso é interação, um modo de produção social e pode estar engajada numa intencionalidade que a destitui de neutralidade e a torna assim, lugar privilegiado de manifestação ideológica. Ela é um elemento de mediação entre o ser humano e sua realidade e por isso ela é lugar de conflito, de confronto ideológico e os processos que a constituem são histórico-sociais. Ela retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes, pontos de vista daqueles que a empregam.

Desse modo, os textos se constituem a partir de outros textos, sendo atravessados pelo discurso do outro que se entrecruzam nos discursos e nos pontos de vistas sociais de outros sujeitos. Assim, um falante sempre considera o outro falante, suas concepções para constituir a sua própria concepção que tem em sua constituição a concepção do outro.

Entretanto, há sempre outros sujeitos com diferentes posições geradas no interior da sociedade em que vivem e, assim, o discurso é sempre uma arena em que lutam pontos de vista em oposição. Um discurso é sempre uma maneira social de considerar uma questão. Ao longo da história,

⁵ BAKHTIN, 2003, p. 17.

pontos de vista contraditórios/contrários são estabelecidos pela sociedade, conseqüentemente, todo discurso é histórico.

Portanto, torna-se essencial confrontarmos-nos com a linguagem e por meio dela, confrontarmos ou reinterpretarmos o mundo, os sujeitos, os sentidos, a história.

Protagonismo e construção do feminino:

Ao olharmos para a mulher ao longo da história podemos ver que nas mais diversas sociedades, elas tiveram que lutar pelo reconhecimento social para romper com múltiplas formas de preconceitos e contra a repressão social da inferioridade. Desse modo, falar em protagonismo feminino é associa-lo ao ato de revogar, de reivindicar direitos, de se colocar enquanto sujeito que opina, discorda, concorda, e se posiciona político socialmente.

Um olhar atento ao protagonismo feminino nas narrativas bíblicas nos permite observar as mulheres diante da construção da sua identidade, das conquistas de direitos fazendo-as sair de seu papel de minoria, e lutar contra os papéis construídos socialmente diante de uma sociedade totalmente patriarcal. Desde muito tempo antes, a mulher vem lutando pelo reconhecimento social e, desse modo tem sido levada a assumir novas posturas. Com esses novos posicionamentos, a mulher tem garantido e conquistado espaço na sociedade e promovido alterações nos aspectos políticos estabelecidos pelas relações de poder, o isso também proporciona mudanças na construção da própria identidade e no seu posicionamento efetivo enquanto protagonista. Meyer e Soares colocam que “o processo de construção de identidade reivindica constantemente mecanismos de controle e de regulação que garantam ao sujeito modos de condutas socialmente adequados”.⁶ Assim quando diz:

Todos os procedimentos de saberes nesta direção também funcionam ao mesmo tempo, como marcadores das identidades que vão ser colocadas fora do campo da normalidade. De um modo geral, o objetivo é eliminar dúvidas e ambigüidades que porventura venham a exigir o respeito de determinados sujeitos que se apresentam de maneira que fogem aos padrões dominantes. Nesse caso, é necessário reforçar uma identidade definitiva e, de algum modo, tentar eliminar as marcas das diferenças.

Implica conceber que o posicionamento da mulher ou de qualquer sujeito que, sendo subjugado socialmente, queira se sobressair e se tornar protagonista de sua história precisa, através de suas lutas, revestir-se de uma nova identidade, a partir das circunstâncias impostas, garantir sua participação social.

As mulheres contemporâneas têm conquistado, em distintas segmentações, papéis acentuados garantindo espaço no meio social. Esta revolução vai além dos aspectos políticos estabelecidos pelas relações de poder, pois provoca principalmente as mudanças na construção da identidade dessas mulheres e no seu posicionamento efetivo, a tornando protagonista. Quando Meyer e Soares destacam que os o processo permanente de construção de identidade reivindica constantemente mecanismos de controle e de regulação que garantam ao sujeito modos de condutas

⁶ MEYER; SOARES, 2004, p. 98.

socialmente adequados, implica compreender que a identidade da mulher é construída, a partir das limitações impostas, das recessões que as levam a reivindicar seu respeito enquanto sujeito e as levam também, a tomar medidas que as constituam e lhes definam socialmente. Meyer e Soares concluem que: “nesse caso, é necessário reforçar uma identidade definitiva e, de algum modo, tentar eliminar as marcas das diferenças”. São nesses contextos, em que o protagonismo da mulher emerge e junto com essas ações, a definição do seu perfil identitário que está intrinsicamente atrelado às essas lutas por sobreviver e pertencer em um grupo em que seu lugar não está posto. Sabendo que essas desigualdades sociais e de gêneros são definidoras para a formação dessa nova identidade.

Desde o antigo testamento até ao novo testamento, que constituem em escritas de épocas muito distintas, não encontramos explicitamente nestas narrativas bíblicas, a intenção de lutas feministas, lutas sociopolíticas das mulheres de forma organizada e consciente, entretanto elas se impunham de diferentes formas, em situações distintas, se constituindo sujeito, assumindo papéis sociais até então de homens e marcando a história e o seu tempo. Basta lembrar-se de Eva, a primeira mulher, que convence por meio de argumentos, o seu marido Adão a comer do fruto proibido. É muito mais do que a simples imagem de sedutora, pecaminosa como a rotulam por ai, é a mulher que argumenta e que se faz ser ouvida e assume novas posições sociais.

Na narrativa em Juízes Cap. 4, a partir do versículo 4 até o capítulo 05, encontramos Débora, a primeira mulher a ser Juíza, a governar Israel e quebrar o paradigma de anos a fio em que somente homens eram juízes. Assim como na realidade, os textos literários desde os canônicos, mostram correspondências entre sexo e poder. Segundo Zolin: “as relações de poder entre casais espelham as relações de poder entre homem na sociedade em geral. A esfera privada acaba sendo a extensão da pública e ambas são construídas sobre alicerces da política e embasadas nas relações de poder”. Dentro das narrativas bíblicas também é possível observar que as mulheres são expostas ao subjugo machista e ocupam um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem. Observamos que, nessa pequena história contada por um narrador masculino, possivelmente, Samuel, fala de fatos de datas imprecisas, mas acredita-se que referem-se aos primeiros 350 anos do povo de Israel, após a entrada na terra prometida, no Séc. XIII a.c.

O nome Débora significava abelha e segundo os comentários de rodapé da bíblia da mulher, em tempos de guerra, a guerreira era chamada de vespa por sua garra, força e estratégias para conduzir o exército israelita. Na narrativa, ela é apresentada como a profetisa mulher de Lapidote que julgava Israel. Ela atendia as pessoas, embaixo de uma palmeira, próximo a sua casa. Pouco se sabe sobre essa mulher, sua origem, se tinha filhos e, mesmo chamada de mãe de Israel, sua história é vaga e sem muito detalhes. Entretanto, nas entrelinhas, quando o narrador diz que ela era profetisa e de bom nome em Israel, acreditamos que sua fama enquanto tal foi lhe dando credibilidade, a ponto de todos a consultarem, Ela tornou-se eximia conselheira e futuramente a libertadora de Israel do exército dos cananeus. Diante das afrontas do General Sísera, no reinado de Jabim em Hazor, Débora convoca Baraque para ser o Capitão do pequeno exército Israelita com dez mil homens e dá a ele as estratégias segundo ela, dadas por Deus. Mesmo assim Baraque ainda se mostra receoso. Juízes 4:8,9:

Então lhe disse Baraque: Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei. E disse ela: Certamente irei contigo, porém não será tua a honra da jornada que empreenderes; pois à mão de uma mulher o Senhor venderá a Sísera. E Débora se levantou, e partiu com Baraque para Quedes.

A história se torna ainda mais interessante, pois diante da profecia de Débora, surge outra mulher corajosa e tão importante para o desfecho dessa história quanto Débora. Jael. Sua história vem no texto intercalada a da própria Débora e como esta, ela também é apresentada à luz do marido, Heber, o Queneu. Era normal que a mulher fosse propriedade do pai e, quando casada passasse a ser propriedade do marido e por isso o nome dele era a referência para identificar uma mulher. Segundo o narrador, diante do enfrentamento de Baraque, Débora e seus homens com o exército de Sísera, este foi derrotado e enquanto seu exército era destruído, Sísera seguiu a pé em fuga, entrando na tenda de Jael conforme Juízes 4:18-21:

E Jael saiu ao encontro de Sísera, e disse-lhe: Entra, senhor meu, entra aqui, não temas. Ele entrou na sua tenda, e ela o cobriu com uma coberta.
Então ele lhe disse: Dá-me, peço-te, de beber um pouco de água, porque tenho sede. Então ela abriu um odre de leite, e deu-lhe de beber, e o cobriu.
E ele lhe disse: Põe-te à porta da tenda; e há de ser que se alguém vier e te perguntar: Há aqui alguém? Responderás então: Não.
Então Jael, mulher de Héber, tomou uma estaca da tenda, e lançou mão de um martelo, e chegou-se mansamente a ele, e lhe cravou a estaca na fonte, de sorte que penetrou na terra, estando ele, porém, num profundo sono, e já muito cansado; e assim morreu.

Para o cumprimento da profecia de Débora sobre a vitória de Israel, surge Jael. É muito interessante como a pouca importância dada a essas mulheres, as formas machistas como elas são apresentadas no texto como esposas de algum homem, não apagam o brilho, o empoderamento que essas mulheres adquirem por suas ações. Jael usou de estratégia, a sedução, a amabilidade como o próprio texto deixa claro, para atrair o general para dentro de casa. Notemos que o texto diz que ela, ao vê-lo já o convence a entrar, dá-lhe um lençol, água e leite. Na tradição Israelita, dar água e leite ao visitante significa que ali ele é bem-vindo e será bem tratado. E por essa razão Sísera cede a Jael, a ponto de dormir e relaxar até ser morto de forma cruel e violenta.

Pelo contexto, podemos perceber que, em uma época que a dominação dos homens era inquestionável e que se acreditavam que atos assim de extrema violência eram louváveis para garantia de sobrevivência de um povo em detrimento de outro, essas mulheres se destacaram por sua heroica atuação que trouxe 40 anos de paz ao povo israelita, tempo em que se deu a gestão de Baraque, tendo Débora como a profetisa. O historiador Flavio Josefo, 1990 afirma que os homens daquele período estavam corrompidos pelo desejo de enriquecer e não se importavam mais com as guerras. Ele afirma que Débora muitas vezes se impunha e dizia ao próprio Baraque que era vergonhoso que ele cedesse seu lugar de honra para uma mulher. Realmente foram as mulheres que deram o reino a Baraque. Essa ideia de dizer que era vergonhoso para um homem revela um pensamento incutido em muitas mulheres que, de tanto saber que o domínio pertencia ao homem, achava estranho que esse não lutasse por suas próprias forças. É a voz do discurso dominante, machista que se incorpora, inconscientemente, no discurso do sujeito, mesmo que este não compactue desse pensamento. Pode ser que esse comportamento machista atribuído a Débora pelo próprio narrador ou editor do texto, seja apenas um reflexo de sua própria interpretação, dessa cultura que insiste em ver a mulher apenas

como coadjuvante do grande herói que é o homem. Débora era sem dúvida, forte e decidida o bastante para assumir qualquer papel que ela se dispusesse.

Igualmente surpreendente temos a narrativa em que a protagonista é a Rainha Ester. Nessa história os personagens são Mardoqueu, tio de Ester, uma menina órfã, o Rei da Pérsia Artaxerxes filho do rei Xerxes, a Rainha Vasti e o príncipe Hamã. A história se dá 400 a.C, período em que o povo judeu passava pelos 70 anos de exílio. Enquanto Ester levava sua vida normal aprendendo a ser uma boa moça com seu tio Mardoqueu, o Rei Assueiro, como também era conhecido por Xerxes dava um suntuoso banquete comemorando sua Ascensão ao trono Persa. No meio do banquete, o rei pede para trazer sua linda esposa, a rainha Vasti para ser mostrada aos seus convidados. Entretanto, a rainha estava dando um banquete para as mulheres e não aceitou as ordens do rei e também não compareceu ao seu palácio. Indignado o rei, junto aos seus conselheiros resolvem destituir a rainha do trono, a fim de que ela servisse de exemplo a todas as mulheres que quisessem desobedecer a seus maridos. O palácio de Susa ficou sem rainha e seu rei estava desolado, pois amava a rainha e a sua beleza, mas não podia contrariar a decisão tomada. Surgiu a ideia dada pelos ministros do rei que se fizesse um concurso de beleza para escolha da rainha. Todas as mulheres bonitas foram convocadas, casada ou não, para serem tratadas durante seis meses e por fim desfilarem para o rei que escolheria a mais bela. Mardoqueu tentou esconder sua sobrinha Ester, que segundo Flávio Josefo, 1990, Hadassa ou Ester não queria participar, pois não era dada a esses rituais de beleza, nem sonhara ser esposa do rei. Mas foi levada entre as 400 moças escolhidas no reino. E logo que chegou ao palácio chamou a atenção de todos por sua beleza natural. Passando o período de preparação, essas mulheres iam sendo levadas uma a uma para o rei, que as devolviam no dia seguinte. Quando chegou a vez de Ester, ela pediu para não receber pinturas, nem joias, ou qualquer enfeite que eram dados às moças como presentes. Porém, segundo o texto, o rei se impressionou de tal forma, que a escolheu como esposa e no mês seguinte, foi celebrado as bodas. A simples órfã agora rainha, não disse ao rei quem era, nem sua origem. Diz o historiador que Ester tinha leveza, graça e sabedoria. E realmente, ao longo da narrativa vamos conhecendo o quanto Ester foi tendo estratégias para se instaurar no palácio e conquistar seu espaço junto ao rei, que agora nem lembrava mais de Vasti. Aparentemente, Ester era domável, calma, submissa, ao contrário de Vasti que se negou a ser exposta à vontade e capricho do rei. Era um mal exemplo para as mulheres que estavam envoltas em um mundo de submissão e ordens masculinas. Nota-se que a exigência pelos padrões de beleza era já um princípio para o sucesso da mulher em sociedade, mas sua condição era de objeto de adorno e sexual. Passado o tempo, é nesse contexto que se desenrola o conflito dessa história. O rei decretou que ninguém poderia ir a sua presença sem ser convocado. Caso isso acontecesse e o rei, ao ver o súdito entrando em sua sala não estendesse o cetro do poder, esse alguém seria executado. A ordem se estendia todos, menos ao príncipe Hamã que gozava de prestígio com o rei e conseqüentemente, era amado e admirado por todos. Quando entrava no palácio todos lhe prestava reverência, menos Mardoqueu, o tio de Ester, que trabalhava no palácio, mas por princípios religiosos e culturais não prestava cultos ao príncipe. Esse fato despertou o ódio de Hamã que, ao descobrir a origem judaica de Mardoqueu decidiu elaborar um plano de extermínio de todos os judeus. Hamã rapidamente conseguiu que o rei assinasse o decreto de extermínio de todos os judeus, sob o pretexto de que era um povo mau, que influenciava negativamente a Pérsia com seus costumes e que, antes, já havia se envolvido em guerras contra o povo do rei. Assim que soube do

decreto, Mardoqueu procura avisar a Ester que, de início não consegue perceber o perigo que corria também, pois, mesmo não tendo revelado sua origem, ela era judia. Ester percebe que precisa salvar o seu povo, mas ao lembrar do decreto do rei, de não poder entrar no seu trono sem convite, ela teme por sua vida e manda avisar a Mardoqueu que não tem como agir em defesa do povo, pois há trinta dias o rei não a chamava. Mardoqueu convence Ester dizendo que ela morrerá de qualquer jeito e que ele acreditava que seu Deus a havia escolhido já para esse fim. Ester é agora uma rainha com grandes responsabilidades de salvar o povo judeu e, pede para que todo o povo faça preces por três dias e não comessem nada, que ela também ia proceder assim e ia pedir a Deus pela sua vida e pela do seu povo e, em seguida, entraria no trono do rei. Ester afirmou que se tiver de morrer que assim acontecesse, mas tentaria salvar o seu povo. Diante da necessidade de sua ação, Ester deixa-se se envolver de ousadia e, esquecendo sua condição de mulher bela, que adorna, que é solicitada apenas para satisfazer os desejos do rei, seu marido, para se tornar uma líder, a protagonista do seu destino e do seu povo. Passados os três dias, depois de fazer seus rituais, Ester se enfeita, vestes as vestes mais lindas, dos melhores tecidos, se enfeita, se perfuma e segue com duas moças para a sala do trono do rei. É preciso levar em consideração um detalhe: Quando Ester chegou ao palácio, ela não tinha a malícia de usar os apetrechos femininos para a sedução, entretanto, nesse momento, ela jogou importantes para chamar a atenção do rei. Ester aprendeu dentro desse contexto o quanto a beleza feminina podia lhe ser útil para essa situação. Quando ela entrou na sala, viu o rei em seu esplendor no trono, por um momento tremeu das pernas e quase tem um desmaio de medo, entretanto o rei saiu do seu acento real e foi ao seu encontro dizendo que ela não temesse, pois seu decreto de permissão se aplicava somente aos súditos e não a ela com quem ele dividia a coroa, conforme Ester 5: 1-4:

Sucedeu, pois, que ao terceiro dia Ester se vestiu com trajes reais, e se pôs no pátio interior da casa do rei, defronte do aposento do rei; e o rei estava assentado sobre o seu trono real, na casa real, defronte da porta do aposento.

E sucedeu que, vendo o rei a rainha Ester, que estava no pátio, ela alcançou graça aos seus olhos; e o rei estendeu para Ester o cetro de ouro, que tinha na sua mão, e Ester chegou, e tocou a ponta do cetro. Então o rei lhe disse: Que é que queres, rainha Ester, ou qual é a tua petição? Até metade do reino se te dará. E disse Ester: Se parecer bem ao rei, venha hoje com Hamã ao banquete que lhe tenho preparado.

Ester foi aos poucos conseguindo seu objetivo, de forma planejada e sutil, porém segura de sua estratégia. Inebriado de amor e desejo, o rei ficou susceptível ao pedido de Ester que no banquete do vinho, na presença de Hamã, convidou o rei para outro banquete, e nesse, finalmente ela disse do plano de Hamã contra os judeus, revelou sua identidade, sua origem judia e, ainda virou o jogo, deixando Hamã em maus lençóis conforme Ester 7:2-6

(...)Então respondeu a rainha Ester, e disse: Se, ó rei, achei graça aos teus olhos, e se bem parecer ao rei, dê-se-me a minha vida como minha petição, e o meu povo como meu desejo. Porque fomos vendidos, eu e o meu povo, para nos destruírem, matarem, e aniquilarem de vez; se ainda por servos e por servas nos vendessem, calar-me-ia; ainda que o opressor não poderia ter compensado a perda do rei. Então falou o rei Assuero, e disse à rainha Ester: Quem é esse e onde está esse, cujo coração o instigou a assim fazer? E disse Ester: O homem, o opressor, e o inimigo, é este mau Hamã. Então Hamã se perturbou perante o rei e a rainha.

Sem saída, Hamã implora a Ester pela sua vida e o rei, ao ver a cena, pensa que ele intentava contra o pudor da rainha e o condena a forca com toda a família do príncipe. Quanto ao povo Judeu foi lhe dado ordem por novo decreto que lutasse pela sua vida e não se deixasse abater.

Em toda essa narrativa observamos que o narrador, possivelmente o próprio Mardoqueu que era escrivão, divide essa história de Ester com sua própria história de vida, de um súdito a primeiro ministro do rei. Pois, mesmo o livro recebendo o nome de Ester, e sendo lido constantemente, ainda hoje, nas sinagogas judias em comemoração à festa do Purim, como assim ficou determinado o dia da vitória dos judeus sobre os inimigos, não é Ester quem conta sua própria história. Entretanto, isso não impede de reconhecermos o quanto essa mulher foi guerreira, ao batalhar pelo seu povo com estratégia e habilidade, usufruindo não só do seu poder de mulher sedutora, graciosa, mas de líder e sábia rainha. Ester tramou a morte de Hamã e protagonizou mais um capítulo de salvação e continuidade do povo judeu.

Chama-nos atenção, como essas duas mulheres foram movidas pelas circunstâncias a tomarem atitudes em que suas próprias vidas foram salvas, como também a vida do seu povo. Entretanto elas não eram heroínas, não foram preparadas como tal. Foi o contexto que as impulsionaram a agir e se tornarem tão notáveis. Na discussão trazida por Bauman sobre a questão da identidade no mundo líquido-moderno, e também da própria condição do sujeito contemporâneo em um mundo globalizado, ao qual ele chama de “época líquido-moderna”, o autor considera que o “mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sessão de episódios fragilmente conectados”.⁷ Compreendemos que, nesse sentido, nada é seguro e sólido. Todas as coisas são líquidas e se movem com fluidez por entre os dedos da mão. Não há uma identidade em si.

Nos chama atenção que essa liquidez ou mobilidade da identidade a partir das circunstâncias com as quais os sujeitos tornam-se sujeitos leva Bauman a dizer que no caso da identidade, o trabalho é “direcionado para os meios”.⁸ Ou seja, os fatores que condicionam o ser a se moldar aos contextos construindo-se enquanto tal e adquirindo uma nova identidade.

Nesse contexto, o olhar para a análise da constituição do perfil identitário das mulheres protagonistas nas narrativas bíblicas leva em consideração não a origem apenas das personagens vistos que elas se distinguem pela nacionalidade, raça, crença, idade, posição social, genealogia, época histórica e social, mas principalmente um olhar para o meio em que as personagens estão inseridas, e de que maneira esse meio as pressionaram, as levaram a ser, agir desse ou daquele modo. Entretanto, emerge dessa teoria de Bauman algumas questões no que se referem as protagonistas bíblicas em análise. Será que o perfil identitário dessas mulheres em um tempo distante desse mundo moderno que hoje o vemos é também volúvel às situações sociais daquela época? Ou a identidade é construída no contexto das narrativas, por um narrador masculino? Sugere uma identidade estável e

⁷ BAUMAN, 2005, p. 18.

⁸ BAUMAN, 2005, p. 55.

concreta? Qual perfil sintetiza a identidade dessas mulheres, o desenhado pelo autor ou o que emerge das interpretações do leitor em contato com o texto?

Levando em consideração os estudos do Prof. Dr. Odalberto Domingos Casonatto e da Profa. Dra. Rosalir Viebrantz no artigo: *Jesus e as Mulheres: A Mulher nos Evangelhos Sinóticos*, embasados na obra de MEYERS, os autores retratam que no Antigo Testamento apesar de algumas mulheres exercerem fortes lideranças em defesa da permanência e a formação da consciência do povo hebreu, elas são marcadas por estereótipos que evocam algumas das ações pelas quais se destacaram. Segundo Casonatto e Viebrantz:

As mulheres estão presentes onde a vida está fragilizada e ameaçada. O riso de Sara, no livro do Gênesis nos revela sua participação na constituição do povo ao gerar um filho. Os cânticos de Miriam, Débora e Ana revelam a alegria da mulher, fazendo sua parte na história da salvação. Rute é o exemplo de solidariedade da mulher oprimida. As parteiras no Egito, com coragem e astúcia tramam um novo projeto de sociedade. Nesta nova sociedade a vida deve ser defendida e preservada. Jael e Judite são exemplos de firmeza na luta de resistência. Ester com determinação expõe a própria vida pela salvação de seu povo.

Mas é fato que essas mulheres dentre outras marcaram presença em muitas narrativas que evidenciam seus atos de bravura, revelando mulheres que lutaram contra uma sociedade patriarcal. A tradição de fé, política e social de Israel tem marcas da atuação feminina representadas por mulheres fortes. No Novo Testamento também há participação feminina de mulheres como Maria a mãe de Jesus e as outras mulheres, as discípulas que permaneceram com Jesus que, segundo os autores citados a cima, ele interfere na ordem da sociedade patriarcal, pois observa o perfil das mulheres e as utiliza em seu ministério. Jesus tem outra visão sobre a mulher do seu tempo numa sociedade que dava privilégios ao homem. Dentro de um contexto judaico que encarava a mulher em suas tradições diferentemente do homem, as mulheres sempre foram deixadas em segundo plano. Desde a constituição familiar no Judaísmo, as decisões que sempre giravam em torno de homens, até na religião era visível essa discriminação nos ritos e nas práticas religiosas. A mulher cabia a educação dos filhos, pois a mãe determinava a identidade judaica do filho (lei do ventre), e a ela cabia a perpetuação da cultura e das tradições familiares. Mas perpetuava-se as práticas discriminatórias como: solteira era vista pelo nome e pertencimento do pai e depois de casada era propriedade do marido. Não tinham autonomia, e nem sequer entrava nos censos e contagens dos povos. Quando estéril ela era tida como amaldiçoada e podia ser substituída no papel de mãe por uma de suas escravas. As mulheres também eram obrigadas a aceitar outras esposas, pois a sociedade aceitava a poligamia masculina. Sara, Ana, Raquel, Lia eram exemplos de mulheres que dividam seus maridos com outras esposas e com escravas em troca de gerar filhos.

A história nos mostra que mesmo no novo testamento, a mulher ainda se inseria em um contexto de marginalização e existia totalmente às margens da sociedade. Era doméstica, e em casa existia artes destinadas às mulheres. Essas não podiam circular, participar a mesa em momentos em que o esposo estava com visitas, homens de negócios. Quando tinham relacionamento com homens antes de casar ou se envolviam em relações extraconjugais eram condenadas à morte por apedrejamento ou estrangulamento e ao homem não acontecia nada. Ou seja, não havia castigo. Até para sair em público, a mulher devia cobrir o rosto, usar véus e se não cumprissem podiam ser

devolvidas a seus pais. Sem participação política, sem vez, sem voz e vista sempre sob estigmas, o que se pode esperar das mulheres que se tornaram personagens marcantes nas narrativas bíblicas em que elas se destacam, como foram caracterizadas e construídas dentro desses contextos históricos do Novo Testamento?

Maria Madalena é uma dessas mulheres que aparece no Novo Testamento como uma personagens bíblico-históricas que por mais que tenha sido apresentada de forma simples, se destaca por sua tamanha força e importância para sua época. Anna Patrícia, sob os estudos de LeLoup, traz uma análise dos perfis femininos que emergem de Maria Madalena, fazendo analogia entre o feminino na luz e na sombra como os tempos de Madalena pecadora e Madalena santa, ela vai nos mostrando como é dual essa ideia do ser “mulher”, numa sociedade machista.

Dentro da narrativa, astante curta, Maria Madalena é apresentada em Lucas 28 como uma mulher da qual Jesus tinha expulsado sete espíritos malignos. Ela não é apresentada por nenhum dos traços indicadores para constituição da identidade de um israelita como sua origem, o nome do pai, a genealogia, e principalmente, em se tratando do gênero feminino, era importante saber se tinha família, marido, filhos. Em outros momentos dos evangelhos, a figura de Madalena se confunde a de outras Marias, não tendo muito destaque para essa Maria de Magdala. Existia Maria irmã de Marta e Lázaro de Betânia, Maria mãe de Tiago e de José e Maria mãe de Jesus. Por essa razão, muito a associaram a outras situações em que alguma Maria é citada, inclusive a mulher pecadora que Lucas 7:36-50 apresenta como a pecadora que lavou os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos. Surgiram comentários, perfis que deturpam sua imagem quando esta é associada a uma mulher prostituta. Entretanto, não há nenhuma base bíblica ou provas históricas de isso seja verdade, e pode ser atribuído ao acervo dos mitos e fatos improváveis que giram sobre essa mulher. Há quem defenda a ideia de que essa foi uma estratégia de um clero machista, para apagar a figura enigmática de Maria de Magdala, uma vez que ela foi de grande importância para o ministério de Jesus, na condição de discípula, de ajudadora, de empenhada na causa do evangelho.

Por mais que se queiram e tenham ocultado muito sobre a essa mulher, nas poucas passagens em que Madalena aparece revela-se uma mulher em nada comum com as mulheres do seu tempo. Estava sempre junto a Jesus e seus discípulos, mesmo que a expressão “e outras mulheres” se presente nas narrativas, enfatizando que ela não era a única mulher, mesmo assim sua participação é tão marcante que não pode deixar de ser citada em situações significativas na história de Cristo.

E estavam ali, olhando de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galiléia, para o servir; Entre as quais estavam Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu. Mateus 27:55,56

Madalena vem em primeiro plano quando o narrador resolve sair do generalismo sobre a presença de mulheres entre os discípulos e, as nomeiam. Madalena era firme em seus princípios e verdadeira em seus sentimentos de amor ao mestre. Mesmo quando os outros discípulos, homens, abandonaram, negaram o Cristo como foi o caso de Pedro, Madalena insistia em acompanhá-lo e enfrentar, talvez um dos momentos mais difíceis para ela que foi ver a condenação e a morte de cruz

de Jesus Cristo. Ainda no mesmo capítulo, Mateus enfatiza a presença de Maria Madalena no momento do sepultamento de Jesus e ainda quando ele já estava sepultado.

E José, tomando o corpo, envolveu-o num fino e limpo lençol,
E o pôs no seu sepulcro novo, que havia aberto em rocha, e, rodando uma grande pedra para a porta do sepulcro, retirou-se. E estavam ali Maria Madalena e a outra Maria, assentadas defronte do sepulcro.
Mateus 27:59-61

Nos evangelhos, os narradores enfatizam que essas mulheres das quais Maria Madalena fazia parte ajudavam em serviços. Tais serviços não são discriminados nos textos, abrindo espaço para diversas interpretações. Mais uma vez notamos que essas mulheres estão ainda subjugadas, condicionadas a serem coadjuvantes de homens e sua atuação é sempre apagada. Há quem faça a interpretação de que os papéis dessas mulheres estejam apenas no âmbito de servir aos homens, cozinhando, limpando, envolvidas nas funções domésticas atribuídas à mulher. Entretanto, essas mulheres, como fica claro na narrativa de Lucas 10.38-42, nessa narrativa Maria irmã de Marta revela-se uma mulher diferente que tinha sede de aprender, de conhecer e dialogar assim como podiam fazer os homens. Sede de ouvir Jesus.

E tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços; e, aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me ajude. E respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; E Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.
Lucas 10:39-42

Enquanto Marta representava as mulheres e sua condição de dona de casa, Maria representava a pequena parte que, de forma relutante, dava seu recado a sociedade de que era capaz de aprender, de participar do mesmo contexto masculino sem lhe ser inferior.

Maria Madalena também era assim, ouvia, aprendia, ensinava. Segundo a tradição oral do povo israelita, Madalena era cheia de fé, sempre encorajadora e conselheira. Mesmo diante da morte de Cristo, ela continuou crendo nele e visitando o seu túmulo e consolando os discípulos desolados. Maria Madalena foi a primeira a ver o Cristo ressuscitado como podemos comprovar no capítulo 28 de Mateus, cujo o título é Jesus aparece as mulheres. Em Marcos capítulo 16, o título é enfático: Jesus aparece a Maria Madalena. Dentro da narrativa de Mateus, ele prefere na maioria das vezes não citar Maria Madalena sozinha e sim através da expressão “*as mulheres*”. Em Marcos, fica claro uma estreita relação de cumplicidade entre o mestre e sua discípula.

E, no fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.
Mateus 28:1

O termo outra Maria, deixa nas entrelinhas, a importância de Maria Madalena enquanto a outra é só mais uma Maria. Porém em Marcos 16, ela é bem melhor colocada como podemos ver no trecho a seguir:

E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios. E, partindo ela, anunciou-o àqueles que tinham estado com ele, os quais estavam tristes, e chorando. E, ouvindo eles que vivia, e que tinha sido visto por ela, não o creram. Marcos 16:9-11

Nessa narrativa, tanto é explícito que foi a Maria Madalena a quem Jesus apareceu primeiramente, como é dito um fato sobre ela, mesmo que não seja claro o que realmente ele significa, ou pelo menos qual a razão de ser. nos referimos ao fato de dizer que ela havia sido liberta de espíritos malignos. Maria Madalena também é a porta voz da grande notícia da ressurreição.

Emerge do texto, uma mulher intensa, que se doa pelo que acredita. Nessa perspectiva de líder, de protagonista, Maria Madalena é uma mulher, no mínimo, dona de sua vontade, de seus ideais, ela está sempre com outras mulheres próximo a Jesus em contextos íntimos, ou seja, ela incentivava essas mulheres a participarem e apoiarem o ministério dele. E ele a considerava, a tinha em conta, por alguma razão que a narrativa não traz, se manifestou a ela após ter ressuscitado. Talvez por ser ela quem estava presente no momento certo, intuitivamente ela foi ao lugar certo e em sua busca e pelo o grande zelo que a impelia a ir ao encontro do seu amado, e o encontrar naquela bonita manhã de domingo.

A insistência em manter a mulher sobre julgo masculino, numa submissão desrespeitosa que minimiza seu potencial, limita suas ações e a recruta à formação da família, às atribuições domésticas, a parir e cuidar de filhos, fez a sociedade machista, na tentativa de regular e manter sob controle qualquer mulher que se afaste desses estereótipos, mesmo que para isso seja preciso destruir sua dignidade, suas virtudes em um mar de difamação e preconceitos.

Ainda dentro do novo testamento, encontramos outra mulher que se destaca por mudar sua realidade e de outras mulheres destinadas ao esquecimento social e exclusão total como era o costume daquele tempo para com as mulheres sozinhas, solteiras ou viúvas. Dorca é a mulher em questão.

Sua narrativa pequena, assim como é pequeno o espaço que o narrador Lucas em Atos dos apóstolos reserva para ela, não condiz com a grandeza dessa mulher. Na verdade, o foco do narrador é mostrar um milagre de Jesus através de Pedro, no entanto, a personalidade de Tabita ou Dorca se sobressai e, surge do texto, uma mulher protagonista de sua história e da melhoria da história de outras mulheres. Discípula de Jesus, aprendeu com ele a amar o próximo e por ele dedicar a sua vida, seus talentos para o serviço social. Vejamos o texto de Atos 10: 37 ao 40:

E havia em Jope uma discípula chamada Tabita, que traduzido se diz Dorcas. Esta estava cheia de boas obras e esmolas que fazia.

E aconteceu naqueles dias que, enfermado ela, morreu; e, tendo-a lavado, a depositaram num quarto alto.

E, como Lida era perto de Jope, ouvindo os discípulos que Pedro estava ali, lhe mandaram dois homens, rogando-lhe que não se demorasse em vir ter com eles.

E, levantando-se Pedro, foi com eles; e quando chegou o levaram ao quarto alto, e todas as viúvas o rodearam, chorando e mostrando as túnicas e roupas que Dorcas fizera quando estava com elas.

Mas Pedro, fazendo sair a todos, pôs-se de joelhos e orou: e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos, e, vendo a Pedro, assentou-se.

E ele, dando-lhe a mão, a levantou e, chamando os santos e as viúvas, apresentou-lha viva.

Segundo o teólogo José Comblin, no livro *Atos dos Apóstolos*, vol. 2 (Comentário bíblico), 1989, Lucas era um homem erudito, médico e tinha muitas amizades com nobres. Sua obra buscava atender um pedido e talvez patrocinada por um grande homem chamado Teófilo. Importava a ele falar sobre Jesus, seu ministério e na segunda parte, a descida do Espírito Santo depois da Ascensão de Cristo aos céus, para fortalecer os cristãos, discípulos e discípulas que dariam continuidade aos ensinamentos de Jesus na terra. Entretanto, não interessava muito que fosse enfatizado detalhes da vida de Dorcas em detrimento dos feitos de Pedro. Por essa razão, Dorcas é apresentada já morta, rodeada de mulheres que choram a sua morte e pedem socorro a Pedro, apóstolo em exercício, conhecido por realizar milagres. Mas quem é Dorcas, por que sua morte causou tanta comoção?

Ao que parece, o texto não a identifica como casada, mãe, viúva. O que é fato é que ela era sozinha e trabalhava para se manter. Era uma costureira. Ela foi a única mulher que na Bíblia é reconhecida como discípula de Cristo. Viviam totalmente voltadas para ajudar as viúvas de seu contexto. Ser viúva para a mulher israelita era terrível, pois não havia nenhuma proteção jurídica que a amparasse. Logo no velório ela era vestida com roupas simples, e daí por diante não podiam mais usarem roupas claras ou que representasse posses. Até porque ela era inserida em um contexto de pobreza, pois não herdava nenhum bem do marido, caso tivesse filhos, ele passaria a assumir os bens, e, em caso de dívidas deixadas pelo marido, a viúva tinha que assumir, mesmo que para isso tivesse que dar o filho como escravo. Na sociedade patriarcal israelita, ficar viúva era ficar totalmente sem estabilidade econômica e social. O convívio com sua dor trazia também a desproteção que o marido representava e o esquecimento das autoridades. Léon Epsztein⁹ diz que a situação das viúvas na Babilônia e na Assíria era muito melhor do que em Israel. Pois enquanto estas tinham direitos garantidos no código de Hamurabi, a viúva israelita não usufruía de nenhum direito de sucessão, de herança. No novo testamento as coisas não mudaram muito, o contexto cultural e legal em relação às viúvas que continuavam a ser exploradas explorada pelas autoridades religiosas e ignorada pelas autoridades jurídicas. Dentro da igreja, havia um cuidado dos apóstolos em cuidar das viúvas, aliás sempre foi um mandamento divino a atenção às viúvas. Para isso, os diáconos deviam desenvolver esse papel de cuidar dessas mulheres. Entretanto elas deviam se encaixar nas exigências de uma verdadeira viúva como apresenta o apóstolo Paulo em *Timóteo 5 de 03 a 07*: não podiam ter filhos, pois se tivesse eles deviam cuidar da mãe, não podiam gostar de conversas ou fofocas, não serem ociosas, fazerem caridades, não casar de novo. Só no caso das viúvas jovens que, não conseguem ficar sem homem.

Dentro desse contexto de dor e submissão, a mulher era mesmo que ter morrido também, já que se tornava um peso para a sociedade ou alguém invisível. É nesse contexto que Dorcas, vendo a situação de tantas viúvas, usa sua aptidão de costureira para ajudar a essas mulheres. Por essa razão, as mulheres não aceitavam a sua morte e se apegavam a esperança de um milagre. Dorcas dava a elas muito mais do que uma ajuda financeira, dava-lhes atenção, esperança e a alegria de sua presença.

⁹ EPSZTEIN, 1990. p. 139.

Isto fica claro quando essas mulheres em seu velório mostrava os vestidos costurados por Dorcas com os quais elas eram presenteadas.

Dorcas tornou-se um símbolo da instituição de obras sociais por parte da igreja. Seu protagonismo estava embasado nos princípios de um Cristo que buscava se doar pelos seres humanos. Dorcas manifestava esse amor aos que necessitavam de sua ajuda. Entretanto, não sabemos pelo texto, mas é possível imaginar o quanto ela era batalhadora para conseguir enquanto mulher, sozinha, independente, se destacar em épocas tão difíceis para uma mulher na sua condição. A comunidade jopeana ficou realmente feliz de recebe-la de volta, da morte para a continuidade de uma vida de entrega ao outro.

Considerações finais

As narrativas bíblicas em que as mulheres são personagens principais são repletas de literalidade, principalmente porque o narrador “masculino” tenta reviver as experiências marcantes vividas por essas mulheres, numa perspectiva de representar, de recontar na posição de um outro sujeito que enuncia. Nesse sentido, é preciso atenção para às interpretações que emergem do texto, dos sujeitos e de suas ações. Essas mulheres não puderam escrever e narrar sua própria história e tais histórias parecem aparecerem em um plano secundário. O que podemos perceber que, exceto em Ester que o livro leva seu nome, as demais aparecem em pequenos textos, entre outros focos, não como assunto principal dos livros em que suas histórias forma registradas. O caso de Débora aparece dentro do livro de Juízes, entretanto sua presença não parece causar surpresa, não tem nenhum preparo para inserir uma mulher entre tantos homens, não há muito detalhe sobre sua história, sobre sua origem, como se tudo fosse tão simples, tão sem importância. Porém, nessa possível tentativa de apagamento dessa personagem, seus atos as revelam e trazem à luz uma mulher destemida, líder de atuação incomum para o seu tempo. Débora, Jael e Ester representam as mulheres que no velho testamento, souberam lidar com a dominação humana, com os preceitos machistas e patriarcal de forma que se sobressaem muito bem, utilizando as mesmas armas, regras e padrões de resistência e dominação daquele período. No caso de Débora e Jael, elas são a personificação do próprio guerreiro Davi, Sansão e tantos outros homens que foram importantes no contexto israelita. Já Maria Madalena, Dorcas, se aproximam das mulheres já citadas do velho testamento por também serem protagonistas de suas histórias e por, mesmo que em um contexto diferente em alguns aspectos como foi o período do novo testamento, elas também lutaram contra todo um sistema machista e repressor que insistia em predominar. Entretanto, Cristo, não diferenciou as pessoas pelo gênero, não reprimia as mulheres, pelo contrário, as inseriu em seu contexto e conviveu com elas ao longo do seu ministério. Nesse sentido, o protagonismo de Maria Madalena e de Dorcas já assumem uma outra configuração, influenciadas pelos ensinamentos, pela influência de Jesus em seus contextos. Elas eram discípulas, mulheres intensas que se doavam pela sua fé, pela sua crença, vivendo-a intensamente através de suas ações.

Quanto a identidade, as quatro mulheres não são apresentadas pelo parentesco, genealogia, no máximo, as narrativas citam as cidades de origem. As mulheres do velho testamento são apresentadas, a partir do marido, enquanto que as do novo testamento não evidenciam se elas foram

ou não casadas, mães ou viúvas. A imprecisão de sua origem é mais uma estratégia de silenciar tais mulheres e as deixar às margens da história. Elas constroem suas identidades nas situações vivenciadas, nas atitudes e escolhas tomadas nos contextos sociais, religiosos, político e econômicos a elas impostos.

Observamos que o contexto social, a ideologia, são delimitadoras das escolhas das palavras, das ações do narrador e da própria construção dessas personagens. Entre omissão, revelação, as personagens se concretizam e, são apresentadas ao leitor que por sua conta e risco podem amar ou não, julgá-las ou defendê-las, pois a interpretação se faz mediante o estudo do contexto e de todas as implicações legislativas, religiosas e sociais que envolviam aquelas mulheres. Nesse sentido, oscilações entre o histórico e fictício é comum, pois era o que dispunham os narradores para recontar esses feitos. E tudo passa ser ideológico, interpretativo dentro desse processo de construção da identidade dessas mulheres. Há uma forte indução por parte do narrador em nos fazer inferir sobre essas personagens, sobre como elas agem, se embasadas numa realidade cultural ou se rompendo com essa organização social, é que elas se constituem mulher. Se os elementos que constituem a identidade dentro daquela cultura não são aplicados na construção dessas mulheres, a identidade que delas emergem são impostas? Ou implícitas a seu caráter? De qualquer forma, elas são surpreendentemente senhoras de seus destinos, são livres, são seres humanos. Forma mulheres que, as atitudes forma decisivas para mudanças significativas na história de seu país, do seu contexto social. Entretanto, não agiram tentando ser heroínas, não estavam relacionadas a luta de classe, nem em questões feministas, lutavam por sobreviver, por resistirem às imposições sociais, sem implicar na construção da sua identidade. Entretanto, de forma natural e espontânea elas se tornaram exemplos de mulheres de fé, coragem e determinação, que fizeram o que achavam correto, mesmo correndo o risco de serem mal compreendidas. Suas narrativas pessoais devem ser elucidadas, a fim de que a história das mulheres na bíblia seja vista por uma outra ótica, de igualdade, de valorização social e protagonismo.

REFERÊNCIAS

A Bíblia da Mulher: Leitura devocional, estudo/ Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Mundo Cristão, 2003. 1728p.

ABADÍA, José Pedro Tosaus. *A Bíblia como literatura*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. 285 p.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008[1963].

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002[1929].

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BÍBLIA Sagrada. 2. ed. Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chaves*. São Paulo: Contexto, 2008. (p. 9-31)

BONNICI, T & ZOLIN, L.O. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporânea*. Maringá: Eduem, 2003.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*, vol. 2 (Comentário bíblico)" (1989);

EPSZTEIN, L. *A justiça social no antigo Oriente Médio e o povo da Bíblia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

FERREIRA, João Cesário Leonel Ferreira. Estudos literários aplicados à Bíblia: dificuldades e contribuições para a construção de uma relação. *Theós – Revista de reflexão teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas*, 3ª. edição, p. 1-13, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. (p.29-70)

JOSEFO, Flávio. *Histórias dos Hebreus*. Trad. De Vicente Pedroso. Rio de Janeiro, CPAD, 1990. V.1

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Porto Alegre, 2004. CDU – 396. Mediação 2004